

COMUNISMO EM GESTAÇÃO: ANÁLISE DE *CAPITÃES DA AREIA*, DE JORGE AMADO

Marília Reis RUY-SÊCCO
(Graduanda UFPA)

Orientador: Prof. Dr. Esequiel Gomes da SILVA
(Docente da FALÉ – *Campus* de Breves)

Resumo

A obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, tem como protagonista um grupo de crianças abandonadas que vive em um velho trapiche e rouba para sobreviver. Apesar do “desvio de caráter”, entre tais crianças há um forte espírito de solidariedade, de modo que as ações são pensadas sempre em prol do coletivo. Em virtude disso, e por não terem consciência política, pode-se aventar a ideia da existência de um comunismo em gestação, que irá irromper mais fortemente no líder, Pedro Bala, ao se tornar adulto e travar contato com um dos líderes da greve dos condutores de bondes. Nosso objetivo é analisar as falas dos personagens da obra em questão, levando em consideração os pontos acima mencionados.

Palavras-chave: Capitães da Areia, Jorge Amado, Comunismo, Personagens.

1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O crítico brasileiro João Luiz Lafetá, no capítulo introdutório do seu instigante livro *1930: a crítica e o modernismo*, sugere que qualquer nova proposição estética deve ser encarada em duas faces: “enquanto *projeto estético*, diretamente ligada às manifestações operadas na linguagem, e enquanto *projeto ideológico*, diretamente atada ao pensamento (visão de mundo) de sua época” (LAFETÁ, 2000, p. 19-20, *grifos do autor*). No caso do Modernismo, o período compreendido entre 1922 e 1930, ou seja, a “fase heroica”, foi marcado pelo primeiro (*projeto estético*), e o período de 1930 em diante tinha como marca o segundo (*projeto ideológico*). Apesar da distinção, o próprio crítico reconhece que ambos os projetos se articulam e se complementam. O decênio de 1930 – que particularmente nos interessa neste trabalho – no Brasil:

é a fase de crescimento do Partido Comunista, de organização da Aliança Nacional Libertadora, da Ação Integralista, de Getúlio e seu populismo trabalhista. A consciência da luta de classes, embora de forma confusa, penetra em todos os lugares – na literatura inclusive, e com uma profundidade que vai causar transformações importantes (LAFETÁ, 2000, p. 28).

Vivíamos, portanto, ainda segundo o crítico, um período de “politização”, que se preocupava “mais diretamente com os problemas sociais” e produzia “ensaios históricos e sociológicos, o romance de denúncia, a poesia militante e de combate”. Na época em apreço, “os escritores e intelectuais esquerdistas” passaram a mostrar “a figura do proletário e do camponês, instando contra as estruturas” que os mantinham “em estado de sub-humanidade”. A época propiciou o “debate em torno da história nacional, da situação de vida do povo no campo e na

cidade, do drama das secas, etc”. Foi nesta década, ainda segundo Lafetá, que surgiram algumas das obras mais realizadas e alguns dos escritores mais importantes da literatura brasileira. Na prosa de ficção, temos o romance social de José Lins do Rego, Jorge Amado e Rachel de Queiroz (LAFETÁ, 2000, p. 30-32).

A estreia de Jorge Amado se deu em 1931 com *O país do carnaval*. No ano seguinte, através de Rachel de Queiroz, liga-se à militância de esquerda e chega a ser eleito deputado pelo Partido Comunista. Em 1933, publica *Cacau* e em 1934, *Suor*. Concomitantemente à produção e publicação de romances que tentavam se enquadrar dentro das novas necessidades geradas pelo período de convulsão política, os intelectuais publicavam textos críticos de crítica e tentavam caracterizar o novo romance brasileiro. Neste sentido, é importante destacar o fragmento de um texto do autor de *Jubiabá*, publicado na revista *Lanterna verde*, em 1934:

O sentido de *documento*, de *grito*, é sem dúvida a coisa que surge mais clara no novo romance brasileiro. Não é negócio de escola, besteira de grupo. É pensamento natural que não poderia deixar de acontecer. Os novos romancistas brasileiros, não apenas os do Norte, não acreditam mais em brasilidade e verde amarelismo. Viram mais longe. Viram esse mundo ignorado que é o Brasil. E o Brasil é um grito, um pedido de socorro. Não falo aqui em frase de deputado baiano na assembleia: “O Brasil está na beira do abismo”. Isso é literatura de quem tem 6 contos por mês. Grito, sim, de populações inteiras, perdidas, esquecidas, material imenso para imensos livros (AMADO 1934 *apud* BUENO, 2006, p. 208).

O grito de que fala o romancista viria das massas, dos excluídos, do proletário. Enfim, de gente que ansiava por direitos, liberdade, salários mais dignos. Podemos dizer que são as vozes que Pedro Bala, um dos protagonistas de *Capitães da Areia*, publicado em 1937, ouvia no momento em que estava preso no reformatório e depois da participação na greve dos condutores de bonde, como discutiremos no próximo tópico.

2 – DE “CRIANÇA LADRONA” A JOVEM REVOLUCIONÁRIO

O livro conta a história de um grupo de crianças abandonadas que mora em um velho trapiche abandonado, na cidade de Salvador, e rouba para sobreviver. São conhecidos como Capitães da Areia e vivem sob a chefia do adolescente Pedro Bala, filho de um grevista morto durante uma manifestação. Por conta das ações ousadas, o grupo adquire fama, ganha espaço na mídia e torna-se um dos principais alvos de autoridades da capital baiana, como o secretário de polícia e o juiz de menores. Formado por aproximadamente cinquenta crianças, o grupo conta com a proteção de dois líderes religiosos: o padre José Pedro e a mãe-de-santo D. Aninha.

Além de Pedro Bala, ganham destaque na narrativa: João José: conhecido como professor, o único que sabia ler; Gato: garoto bonito e vaidoso que se apaixona pela prostituta Dalva; Sem-RUY-SÊCCO, Marília Reis. Comunismo em gestação: análise de *Capitães da areia*, de Jorge Amado. **ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB**, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

Pernas: por conta de seu defeito físico era usado pelo bando para fingir-se de bom garoto, ganhar a confiança das pessoas que o acolhiam e informar aos demais os locais em que havia guardadas coisas de valor que seriam posteriormente roubadas; Volta Seca: se dizia afilhado de Lampião, cujo grupo sonhava integrar; João Grande: respeitado pelos demais por conta do seu porte físico e coragem; Pirulito: ao descobrir a vocação religiosa tenta a abandonar a vida de furtos; e Boa Vida: preguiçoso que se contenta com pouco. Quebrando a homogeneidade do grupo, formado somente por meninos, surge Dora, que irá se envolver emocionalmente com Pedro Bala.

Embora crianças e adolescentes, comportam-se como adultos não apenas no que se refere à responsabilidade de prover o próprio sustento, mesmo que de forma ilícita, como também relativamente ao desregramento dos hábitos, uma vez que consomem bebida alcoólica, fumam, brigam na rua, ferindo cidadãos comuns e até policiais com golpes de navalhas, têm vida sexual ativa e chegam a cometer crimes de estupro.

De uma forma geral, o que se percebe é que as ações do grupo são pensadas e gerenciadas sempre em prol do coletivo. Isso fica muito evidente numa passagem em que Sem-Pernas consegue conquistar a confiança de um casal cujo filho havia falecido e vê a possibilidade de ocupar no coração dos pais o vazio deixado. No entanto, o garoto pondera: se ele ficasse, do que adiantaria para os capitães da areia?.

Além disso, havia leis muito claras: uns não podiam se apropriar de objetos dos outros. Era preciso que houvesse confiança de uns nos outros. Não queremos dizer que as “crianças ladronas” eram militantes, porque, na verdade, elas nem tinham consciência política. A única consciência que tinham era a de serem vítimas: se roubavam, era para matar a fome e porque não tinham pai nem mãe, como fica evidente em uma das falas de Pirulito. A consciência vai surgindo em Pedro Bala, como veremos.

Na passagem abaixo temos uma espécie de coroação de Pedro Bala como chefe dos capitães da areia, uma vez que possuía as qualidades necessárias para ocupar tal cargo, diferentemente do caboclo Raimundo, até então na chefia do bando:

Não durou muito na chefia o caboclo Raimundo. Pedro Bala era muito mais ativo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe.[...]. Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi desta época que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia, crianças abandonadas que viviam do furto. Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem e destes mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche. Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas. (AMADO, 2001, p.21).

As qualidades de Pedro Bala seriam usadas para comandar com êxito ações como roubar as casas ricas sobre as quais o Sem-Pernas passava informações, adentrar na delegacia para resgatar a imagem de Ogum, invadir o orfanato para resgatar Dora, vingar-se do bando de Ezequiel, impedir a ação dos furadores de greve dos condutores de bonde, etc.

As habilidades de liderança, no entanto, encontram explicação numa espécie de hereditariedade, se é que assim podemos nos referir, já que o pai de Pedro Bala foi um líder grevista, que morreu lutando pelos oprimidos, como fica evidente nesta fala de João Adão, fala que causa admiração no chefe dos capitães da areia:

- Tu te lembra de Raimundo, comadre Luísa?
- O Loiro, que morreu na greve? Como não me lembro? Era que toda tarde vinha dar dois dedo de prosa comigo, gostava de pilhéria...
- Mataram ele bem aqui, naquele dia que a cavalaria ato a gente. – Olhou para Pedro Bala.
- Tu nunca ouviu falar Capitão? [...] – Por quê? – perguntou Boa-Vida, já que Pedro apenas olhava espantado.
- Porque o pai dele era Raimundo e morreu foi aqui mesmo lutando pela gente, pelo direito da gente. Era um homem e tanto. Valia dez destes que a gente encontra por ai.
- Meu pai? – fez Pedro Bala, que daquelas histórias só conhecia vagas rumores.
- Teu pai era. A gente chamava ele de Loiro. Quando foi da greve fazia discurso pra gente, nem parecia um estivador. Foi pegado por uma bala. Mas tem um lugar pra tu nas docas (AMADO, 2001, p. 76).

A partir do momento em que o personagem toma conhecimento do histórico de militância política do pai, desperta em si uma espécie de desejo embrionário, como fica claro no trecho a seguir: “Foi uma coisa batuta a greve, não foi? E ficaram ouvindo João de Adão narrar a greve. Quando ele acabou, Pedro Bala disse: – Eu gostaria de fazer uma greve. Deve ser porreta” (AMADO, 2001, p. 77). Referimo-nos ao desejo como embrionário porque a participação de Pedro Bala em uma greve somente se concretizará quando ele tornar-se adulto. No momento em apreço, trata-se mais de encantamento e fascinação, sobretudo por conta da descoberta de que seu pai foi uma espécie de herói que morreu lutando por liberdade e direitos. Trata-se de uma imagem que o personagem construiu a partir dos relatos de João de Adão. Órfão aos cinco anos de idade, é natural que se encante pela figura paterna, que nem conheceu direito. O adolescente ainda não tem consciência política. A sua luta é por itens básicos, como alimento, para sua sobrevivência, juntamente com o grupo que lidera. (AMADO, 2001, p. 73).

Em um momento de bastante tensão, Pedro Bala revela sua agilidade e engenhosidade e, de certa forma, justifica sua escolha como líder do grupo: na iminência de ser preso, juntamente com Dora e alguns de seus companheiros, o líder consegue criar uma situação que favoreça a evasão dos moleques:

Pondo em prática uma agilidade incomum Pedro Bala se livrou dos braços do investigador que o segurava e com um golpe de capoeira o derrubou. No entanto não fugiu. É claro que os demais guardas e investigadores se precipitaram em cima dele para impedir a sua fuga. Só então foi possível compreender o plano do chefe dos Capitães da Areia pois este gritou para os companheiros presos. (AMADO, 2001, p.187).

Pedro Bala é levado para o reformatório baiano, onde sofre diversas agressões para forçá-lo a revelar o esconderijo dos capitães da areia. Porém, consciente de seu papel de chefe, do qual todos dependiam, suporta todas as formas de violências e não delata os companheiros:

Agora davam-lhe de todos os lados. Chibatadas, socos pontapés. O diretor do reformatório levantou-se, sentou-lhe o pé, Pedro Bala caiu do outro lado da sala. Nem se levantou. Os soldados vibraram os chicotes. Ele via João Grande, Professor, Volta Seca, Sem-Pernas, o Gato. Todos dependiam dele. A segurança de todos dependia da coragem dele. Ele era o chefe, não podia trair. Lembrou-se da cena da tarde. Conseguira dar fuga aos outros, apesar de estar preso também. O orgulho encheu seu peito. Não falaria, fugiria do reformatório, libertaria Dora. E se vingaria... Se vingaria... (AMADO, 2001, p. 190).

Uma vez trancafiado, Pedro Bala começaria a entender o verdadeiro significado da palavra liberdade: era o bem maior do mundo, por causa do qual seu pai morreu lutando:

Lá fora é a liberdade e o sol. A cadeia, os presos na cadeia, a surra ensinaram a Pedro Bala que a liberdade é o bem maior do mundo. Agora sabe que não foi apenas para que sua história fosse contada no cais, no Mercado, na Porta do Mar, que seu pai morrera pela liberdade. A liberdade é como o sol. É o bem maior do mundo. (AMADO, 2001, p. 192)

O chefe dos Capitães passa a entender não somente o verdadeiro sentido da liberdade, como também se conscientiza do papel e da importância da ação revolucionária que seu pai abraçara. Assim como seu pai, que morrera lutando por liberdade, pela liberdade dos companheiros, ele aguentara todas as violências no reformatório. Acreditava em João de Adão, que dizia ser possível mudar o destino de alguém. Por isso, quando saísse daquele inferno, iria ser doqueiro, assim como seu pai, e lutar “pela liberdade, pelo sol, por água e de comer para todos” (AMADO, 2001, p. 195).

A morte de Dora significou um divisor de águas para o bando liderado por Pedro Bala. Cada uma das “crianças ladronas” começou a tomar um novo rumo. João José, o professor, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde teria oportunidade de desenvolver-se como artista. Boa-Vida desligou-se aos poucos do trapiche, tocava violão nas festas, frequentava terreiros de candomblé e armava fuzuês nas quermesses. Enfim, tornara-se um malandro na cidade, conhecido nos jornais e pelos investigadores de polícia (AMADO, 2001, p. 231). Pirulito tornara-se frade, porque Deus o chamara. Gato, que já era o mais jovem vigarista da Bahia, um jogador desonesto, um gigolô de mulheres, debandou-se para Ilhéus, onde iria arrancar dinheiro dos coronéis (AMADO, 2001, p.

231-232). Volta Seca decidiu passar uns tempos com os Índios Maloqueiros, grupo congênere aos Capitães da Areia, em Aracaju. Depois se juntou ao bando de Lampião (AMADO, 2001, p. 232-233). O final mais trágico foi o de Sem-Pernas, que se suicidou, para escapar da polícia, durante uma perseguição.

Como estavam crescendo, a debandada era inevitável. Logo, outros partiriam, mas Pedro Bala não sabia o que fazer. Para onde iria, sendo que em breve seria um homem e teria que deixar a chefia dos Capitães da Areia? Os caminhos escolhidos pelos outros moleques não lhe seduziam. As “pregações de padre José Pedro nunca disseram nada.” Em seu coração, “só as palavras de João de Adão encontravam acolhida” (AMADO, 2001, p. 231).

A resposta para suas indagações chegaria em pouco tempo, por ocasião de uma greve dos condutores de bonde. Andando pelas ruas da cidade, ao lado de João Grande e Barandão, Pedro Bala se embevece com a movimentação e sente desejo de se misturar aos grevistas:

Mas hoje não são os capitães da Areia que estão metidos numa bela aventura. São os condutores de bonde, negros fortes, mulatas risonhas, espanhóis e portugueses que vieram de terras distantes. São eles, que levantam os braços e gritam iguais aos Capitães da Areia. A greve se soltou na cidade. *É uma coisa bonita a greve, é a mais bela das aventuras. Pedro Bala tem vontade de entrar na greve, de gritar com toda força do seu peito, de apartear os discursos. Seu pai fazia discursos numa greve, uma bala o derrubou. Ele tem sangue de grevista.* Demais a vida da rua o ensinou a amar a liberdade. A canção daqueles presos dizia que a liberdade é como o sol: o bem maior do mundo. Sabe que os grevistas lutam pela liberdade, por um pouco mais de pão, e por um pouco mais de liberdade. É como uma festa aquela luta. (AMADO, 2001, p. 245-246, *grifos nossos*). 259

Estando de volta ao velho trapiche, altas horas da noite, o chefe das “crianças ladronas” é surpreendido pela visita do estivador João de Adão e de Alberto, um estudante universitário adepto do movimento revolucionário do proletariado. Pedro Bala era requisitado para que, juntamente com seu bando, impedisse a ação de uns furadores de greve contratados pela companhia para trabalhar no dia seguinte e, assim, enfraquecer o movimento. A proposta é aceita prontamente: “Se for pra ajudar os grevistas, tou decidido. Pode contar com a gente... – Levanta-se, está um rapazola, o rosto disposto para a luta” (AMADO, 2001, p. 248).

Durante a conversa, o uso do vocativo “companheiro”, com o qual Alberto dirigia-se a Pedro Bala e aos demais, causou-lhe grande encantamento. Achava-a bonita! Emocionado com os acontecimentos, começa a pensar e a compreender o seu significado:

Companheiros... Palavra bonita, pensa Pedro Bala. Ninguém dorme mais no trapiche nesta noite. Preparam as mais diversas armas.
Na madrugada que nasce, as estrelas começam a desaparecer do céu. Mas Pedro Bala parece ver numa estrela que corre a estrela de Dora que o alegra.
Companheira... Também ela tinha sido uma companheira boa. A palavra brinca na

sua boca, é a palavra mais bonita que ele já viu. Pedirá a Boa-Vida que faça um samba dela, um samba para um negro cantar à noite no mar. (AMADO, 2001, p. 250).

Nas primeiras horas do dia seguinte, o grupo se prepara para a execução da tarefa lhe foi confiada. Os furadores de greves vinham “num grupo cerrado”, sob a chefia de um “americano com a cara fechada”. Dirigiram-se todos para a entrada. De repente, da “sombra, dos becos, ninguém sabe de onde, como demônios fugidos do inferno, surgem meninos esfarrapados e de armas na mão”. Traziam:

punhais, navalhas, paus. Tomam a porta, o grupo dos fura-greves para. Logo os demônios se atiram, é um bolo só. São um número maior que o grupo de fura-greves. Estes rolam com os golpes de capoeira, recebem pauladas, alguns já fogem. Pedro Bala derruba o americano, com a ajuda de outro o soqueia. Os fura-greves pensam que são demônios fugidos do inferno. (AMADO, 2001, p. 250-251).

Depois da bem sucedida empreitada, Pedro Bala abraçaria definitivamente a causa revolucionária. A voz o chamava. Uma voz que o alegrava, que fazia bater seu coração (AMADO, 2001, p. 253). Uma voz que vinha “do cais, do peito dos estivadores, de João de Adão, de seu pai morrendo num comício, dos marinheiros dos navios, dos saveiristas e dos canoeiros” (AMADO, 2001, p. 253). O jovem ouvia vozes que vinham “do trem da Leste Brasileira, através do sertão, do grupo de Lampião pedindo justiça para os sertanejos” (AMADO, 2001, p. 253), ouvia a que vinha “de Alberto, o estudante pedindo escolas e liberdade para a cultura” (AMADO, 2001, p. 253). Eram vozes revoltadas, que vinham “do ódio do Sem-Pernas se atirando do elevador para não se entregar” (AMADO, 2001, 253). Era uma voz que chamava para lutar por todos, pelo destino de todos, sem exceção (AMADO, 2001, p. 253). Enfim, a revolução o chamava, assim como Deus a Pirulito, nas noites do trapiche (AMADO, 2001, p. 252), e Pedro Bala atendeu prontamente:

Agora comanda uma brigada de choque formada pelos Capitães da Areia. O destino deles mudou, tudo agora é diverso. Intervêm em comícios, em greves, em lutas obreiras. O destino deles é outro. A luta mudou seus destinos (AMADO, 2001, p. 254).

Previsivelmente, o jovem revolucionário passa a chefia do grupo para Barandão e segue em missão de organizar os Índios Maloqueiros de Aracaju em brigada de choque. Em seguida, continuaria a mudar o destino de outras crianças abandonadas no país:

Anos depois os jornais de classe, pequenos jornais, dos quais vários não tinham existência legal e se imprimiam em tipografias clandestinas, jornais que circulavam nas fábricas, passados de mão em mão, e que eram lidos à luz de fifós, publicavam sempre notícias sobre um militante proletário, o camarada Pedro Bala, que estava perseguido pela polícia de cinco estados como organizador de greves, como

dirigente de partidos ilegais, como perigoso inimigo da ordem estabelecida. (AMADO, 2001, p. 256)

De “criança ladrona”, Pedro Bala assumiria o mesmo caminho escolhido pelo pai. Não se sabe como uma criança que cresceu nas ruas excluída pela elite da sociedade baiana, adotaria um papel de ampla magnitude frente a movimentos proletários. O que se sabe é que, anos depois Pedro Bala era o ícone da luta do povo e todos pediam por ele, “No ano em que todas as bocas foram impedidas de falar, no ano que foi todo ele uma noite de terror, esses jornais (únicas bocas que ainda falavam) clamavam pela liberdade de Pedro Bala, líder da sua classe, que se encontrava preso numa colônia.” (AMADO, 2001, p. 256).

O jovem delinquente que furtava para sobreviver, agora representava a esperança dos carentes.

E, no dia em que ele fugiu, em inúmeros lares, na hora pobre do jantar, rostos se iluminaram ao saber da notícia. E, apesar de que fora era o terror, qualquer daqueles lares era um lar que se abriria para Pedro Bala, fugitivo da polícia. Porque a revolução é uma pátria e uma família. (AMADO, 2001, p. 256).

3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a construção do seu microcosmo ficcional, Jorge Amado utiliza-se de um dado social, as crianças órfãs e famintas que roubam para sobreviver nas ruas da Bahia, e coloca-o como elemento estruturador da narrativa. A isso, junta suas ideologias políticas, transformando, assim, o romance num meio eficaz para problematizar a realidade à sua volta e difundir a ideologia comunista, que na obra aparece como uma solução para a desigualdade.

4 – REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. 1912-Capitães da Areia; romance; ilustrações de Poty - 106ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2001.

BERGAMO, Edvaldo. *Ficção e convicção: Jorge Amado e o neorrealismo literário português*. São Paulo: UNESP, 2008.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: EDUSP; Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. 2 ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

MARTINS, Wilson. *A ideia modernista*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

RUY-SÊCCO, Marília Reis. Comunismo em gestação: análise de *Capitães da areia*, de Jorge Amado. **ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB**, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131